



LEITURA E RESISTÊNCIA: O IMPACTO DA LEITURA DE MULHERES NEGRAS NO CHÃO DA ESCOLA

Erisvania de Sousa Santos (Imani)¹, Claudianne de Oliveira Freitas de Lima², Júlia Karen Almeida Simão³, Maria Eduarda Costa Siqueira⁴, Itamara Freires de Meneses⁵

Resumo: Este trabalho busca problematizar uma questão profundamente enraizada no contexto da educação formal: o epistemicídio. A ciência, que se estabelece como parâmetro para a explicação do mundo, tem como base uma produção majoritariamente eurocêntrica, ou seja, uma visão ocidental que, em grande parte, define os fenômenos sociais e constrói a base da produção científica. O resultado desse processo é o apagamento de culturas, epistemologias, compreensões de mundo e, consequentemente, de diversas existências. A escola, enquanto instituição responsável pela formação humana, política e cidadã, tem frequentemente reproduzido um discurso que exalta uma única perspectiva, marginalizando inúmeras outras epistemologias. O prejuízo dessa realidade é significativo, pois leva a uma formação não apenas limitada, mas também estruturalmente racista, sexista e elitista. Ler o mundo por uma única lente traz uma série de implicações e prejuízos, não só na formação acadêmica, mas também na formação humana. A narrativa que fundamenta este estudo parte da presença da produção científica de mulheres negras no ambiente escolar. Propomo-nos, assim, a refletir sobre as ações implementadas na Escola Prefeito Raimundo Coelho Bezerra de Farias – Liceu do Crato, como parte do projeto de extensão “Leia Mulheres Negras: Construindo uma Educação Antirracista na Escola”. Uma das principais ações que embasam o projeto é a leitura, com foco específico na obra de escritoras negras, mediada por um clube de leitura. O clube ocorre todas as manhãs de sexta-feira na escola, oferecendo às estudantes e aos estudantes a oportunidade de conhecer e debater a produção epistemológica de mulheres negras. As discussões geradas por esse clube têm sido fundamentais para o surgimento de diálogos

¹ Estudante Bolsista, Universidade Regional do Cariri (URCA), Ciências Sociais, E-mail: erisvania.sousasantos@urca.br

² Estudante Voluntária, Universidade Regional do Cariri (URCA), Ciências Sociais, E-mail: claudianne.oli@urca.br

³ Estudante Voluntária, Universidade Regional do Cariri (URCA), Ciências Sociais, E-mail: julia.simao@urca.br

⁴ Estudante Voluntária, Universidade Regional do Cariri (URCA), Ciências Sociais, Departamento, E-mail: Eduarda.siqueira@urca.br

⁵ Coordenadora do Projeto de Extensão, Universidade Regional do Cariri (URCA), Departamento de Ciências Sociais, Curso de Ciências Sociais, E-mail: itamara.meneses@urca.br



importantes sobre racismo, relações de gênero e práticas educativas. É crucial compreender que o epistemicídio não apenas negou o conhecimento de outras culturas e formas de perceber o mundo, mas também negou a existência de muitos corpos que, até hoje, continuam reivindicando seu direito de existir e ocupar os espaços que lhes são devidos. O modelo formal de educação tem sido um grande aliado no fortalecimento de uma educação racista e sexista, e a ausência da produção científica de mulheres negras nas escolas é uma das provas mais evidentes dessa estrutura. Por meio das ações desenvolvidas na escola, do diálogo com as obras de escritoras negras e de práticas educativas antirracistas e antissexistas, estamos, gradualmente, ajudando a construir a escola que não tivemos, mas que acreditamos ser possível para as gerações futuras.

Palavras-chave: Mulheres negras. Educação antirracista. Educação antissexista. Feminismo negro.

Agradecimentos:

Agradecemos à Universidade Regional do Cariri (URCA) e à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), cuja contribuição tem sido fundamental para a nossa formação intelectual, política e cidadã. Agradecemos, igualmente, às bolsistas do Projeto de Extensão Tons da Diversidade, que têm colaborado de forma efetiva com as ações desenvolvidas na Escola Prefeito Raimundo Coelho Bezerra de Farias – Liceu do Crato.